

A CRÍTICA DE HEGEL AO DUALISMO SUJEITO-OBJETO DE KANT

Marcio Tadeu Girotti¹

Resumo

O presente artigo aborda a crítica de Hegel ao dualismo sujeito-objeto de Kant, o qual, segundo Hegel, aponta para um conhecimento parcial da realidade. No contexto das filosofias, tanto de Kant quanto de Hegel, vê-se que ambas estão configuradas dentro do racionalismo e, nesse sentido, podem ser ditas como filosofias idealistas. Porém, a filosofia de Hegel configura-se como um idealismo que não descarta o real, enquanto a filosofia de Kant aborda, em alguns aspectos, o real, mas de modo transcendental. Assim, buscamos uma articulação entre a abordagem hegeliana do conhecimento em contraponto com o conhecimento em Kant, bem como a função do ‘eu transcendental’ na interpretação hegeliana.

Palavras-chave: racionalismo; dualismo; eu penso; ideia; absoluto.

Introdução

A filosofia de Hegel pode ser interpretada como uma superação do dualismo entre sujeito e objeto, mas de um modo mais amplo pode-se dizer que Hegel pretende superar, por um lado, a objetividade grega que empregava uma atenção toda especial para o homem em sua identificação com o mundo; por outro lado, a subjetividade da modernidade na perspectiva cartesiana e humana, bem como a revolução copernicana de Kant. Com isso, tem-se em Hegel a busca pela superação do dualismo entre o subjetivo e o objetivo, ou, entre sujeito e objeto.

Para Hegel, o esforço da filosofia está em unir o que está *à parte*, ou seja, um esforço para unir opostos, e isso é melhor identificado em sua crítica ao dualismo kantiano e sua separação entre sujeito e objeto, e entre fenômeno e coisa em si. A busca pela superação do dualismo, direcionado a Kant, está, em alguns aspectos, na interpretação hegeliana da filosofia de Kant, a qual é considerada por Hegel como uma filosofia da reflexão, pois, o sujeito vê a coisa como ele quer, ele representa a coisa para ele mesmo, ele reflete a coisa, em outras palavras, o sujeito kantiano constrói o seu próprio mundo.

Superar o dualismo kantiano, para Hegel, é compreender que Kant separa fenômeno de coisa em si, retirando a necessidade e a universalidade da razão, promovendo um conhecimento formal e parcial, já que Hegel afirma que o conhecimento é a visão da totalidade. Nesse sentido, Hegel irá afirmar que o *a priori* kantiano não é possível, uma vez que o conhecimento em Hegel é resultado e não a busca da coisa em si que, segundo Kant, não é possível de ser conhecida, mas ao menos pode ser pensada.

¹ Bacharel e Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista – campus Marília-SP. girotti_mtg@hotmail.com.

Com isso, deve-se compreender que para Hegel o conhecimento está na relação sujeito/objeto, mas não na dualidade, pois, o sujeito deve se conhecer e só se conhece à medida que conhece o objeto e vice-versa. Assim, é possível considerar que o sujeito hegeliano não está configurado como um ‘expectador’, pois, ele tem a intenção de conhecer o objeto e conhece algo que é determinado: o existente, o real.

Nesse sentido, iremos abordar uma tentativa de aproximar e ao mesmo tempo de distanciar Kant e Hegel, levando em consideração a teoria do conhecimento em Kant, acreditando que possa existir uma teoria do conhecimento em Hegel, o que permitiria, de fato, realizar as aproximações entre a filosofia kantiana e a hegeliana.

Idealismo: dialético e transcendental

Tanto Kant como Hegel podem ser rotulados como racionalistas, o que inclui ambos na perspectiva idealista. Porém, seguindo a interpretação de Novelli (2008), Hegel é um idealista, mas um idealista dialético², pois, ele não desconsidera o realismo e também se opõe à filosofia kantiana, à filosofia transcendental. Nesse sentido, Kant pode ser rotulado como um idealista transcendental, considerando que o conhecimento em Kant é resultado do dualismo entre o sujeito que não tem acesso direto ao objeto, e o objeto que é construído pelo sujeito, ou seja, o sujeito está atento ao *como* ele conhece o objeto e só o apreende como aparência, ou melhor, como fenômeno.

Com relação ao racionalismo de Kant e Hegel, deve-se lembrar que o jovem Hegel possui em suas primeiras reflexões traços da filosofia kantiana e, nesse âmbito, é possível aproximá-los no que diz respeito à racionalidade no contexto do conhecimento do mundo enquanto determinado e real. Hegel afirma no *Prefácio* dos “Princípios da Filosofia do Direito” que “o que é racional é real e o que é real é racional”, mostrando que a racionalidade do sujeito é a mesma racionalidade do mundo, superando a dicotomia sujeito e objeto. Porém, mesmo que a obra citada seja uma produção madura de Hegel, não se pode deixar de perceber que tal afirmação não está muito distante da constatação kantiana ao afirmar que “das coisas conhecemos a priori só o que nós mesmos colocamos nelas” (1983, p. 13, B XVIII). Ou seja, Kant afirma que só conhecemos as coisas por meio daquilo que o próprio sujeito nela coloca, em outras palavras, existe um aparato cognitivo que permite o conhecimento do objeto e,

² Aqui, deve-se entender Hegel como um idealista especulativo. No entanto, rotular o idealismo de Hegel como dialético não deixa de ser coerente com o desenvolvimento do seu sistema filosófico, ou melhor, no desenvolvimento ou divisões da Lógica: momento do *pensar* (entendimento); momento *dialético*; momento *especulativo*. Ou seja, o entendimento limitado em si, em sua finitude; o supressumir-se das determinações finitas deste entendimento, o em si e para si; e a apreensão da unidade dessas determinações opostas que se colocam em si e para si, voltando a si como consciência de si mesmo (HEGEL, 1988, p. 134-153, §79-§82).

nesse sentido, a razão dele não se distingue da razão do sujeito, pois, é o sujeito quem conhece.

No entanto, a interpretação acima, e a tentativa de aproximar o sentido da racionalidade em Kant e Hegel, só é possível quando tal interpretação é levada ao extremo. Isso porque Kant separa sujeito e objeto, justificando que é o sujeito quem conhece o objeto e este é o objeto para o sujeito e não o objeto em si mesmo, ou seja, o objeto é uma construção do sujeito, e o próprio mundo é uma construção subjetiva. Ao contrário, Hegel mostra que sujeito e objeto estão inter-relacionados, não há separação entre o interior e o exterior, pois, todo o real é racional, afirmando o exterior pelo interior e vice-versa. A relação, em Hegel, entre o externo e o interno produz identidade, a diferença entre um e outro produz identificação, e o indivíduo somente em si, nada é. Portanto, a superação do dualismo mostra a preocupação de Hegel com a reconstrução do todo – uma preocupação com o sistema (o organismo).

A autoconsciência, ou seja, a certeza de que as suas determinações são tanto objectais, determinações da essência das coisas, quanto seus pensamentos próprios, é a razão; enquanto tal identidade, a razão é não só a *substância* absoluta, mas a *verdade* como saber. Com efeito, a verdade tem aqui por *determinidade* peculiar, por forma imanente, o conceito puro que existe para si, o eu, a certeza de si mesmo como universalidade infinita. – Esta verdade ciente é o *espírito*. (HEGEL, 1992, p. 61, § 439, grifo do autor).

Como é possível perceber, a razão, em Hegel, é toda a realidade sem o dualismo kantiano entre fenômeno e coisa em si, uma vez que o que se conhece é a própria coisa, pois, o Espírito se exterioriza na natureza e volta a si com a compreensão de si mesmo através de um outro de si diferente de si, mas que guarda algo de si mesmo reconhecido no outro. Ou seja, o saber de si mesmo, a “verdade ciente”, caracteriza o Espírito e a razão (do todo) é a verdade em si e para si, uma espécie de identidade entre a subjetividade e a objetividade.

Para Hegel, o sujeito deve abarcar o absoluto do objeto, conhecer a própria coisa nela mesma, pois, o correlato do sujeito é o objeto e deste é o sujeito, eles são interdependentes – sujeito e objeto são correlatos, participativos. Hegel busca superar a dicotomia sujeito objeto por meio da dialética enquanto negação e suprassumir do sujeito e do objeto. O sujeito é o objeto e vice-versa, o objeto nega o sujeito, que se reconhece num ser outro distinto dele, mas que é ele mesmo para-si. Ou seja, o sujeito se exterioriza no objeto enquanto este supera a interioridade do sujeito que guarda em si o conceito do objeto efetivo quando realizado dentro da relação sujeito/objeto tomada dialeticamente.

Diante disso, é preciso compreender a dicotomia empreendida por Kant no que diz respeito à distinção fenômeno e coisa em si, pois, segundo Novelli (2008, p. 53): “o sujeito não pode pretender mais do que se aproximar o máximo possível do objeto ou jamais ser um com o objeto em si”. Ou seja, o sujeito kantiano ao aproximar-se do objeto abarca somente a finitude do objeto e não o objeto em sua totalidade.

No adendo do §10 da *Enciclopédia*, Hegel mostra sua interpretação da filosofia transcendental de Kant, promovendo assim, sua crítica ao kantismo que busca antes saber como se deve conhecer e não conhecer de fato o que quer conhecer:

Um ponto de vista fundamental da filosofia crítica é que, antes de se proceder a conhecer Deus, a essência das coisas, etc., importa primeiro investigar a *faculdade de conhecer* e ver se ela é capaz de realizar tal [tarefa]; deve aprender-se a conhecer o *instrumento* antes de se empreender o trabalho que, mediante o mesmo, se deve levar a cabo; se o instrumento fosse insuficiente, todo o esforço se despenderia em vão. [...] Mas querer conhecer antes de se conhecer é tão destoante como o sábio propósito daquele escolástico [Hiérocles] de aprender a *nadar antes de se aventurar à água*. (1988, p. 79, grifo do autor).

Como é possível perceber, Hegel afirma que Kant busca empreender o modo de conhecer das coisas, a afirmação da existência de um sujeito transcendental que constrói o mundo ao seu modo. Em outras palavras, o sujeito possui um aparato cognitivo para apreender o mundo e tem o objeto para ele e nunca em si mesmo.

Segundo Moraes (2003), Hegel busca mostrar que Kant reduz a razão ao entendimento permanecendo no campo do pensamento subjetivo, negando a possibilidade de conhecer o que é em si mesmo. O *a priori* kantiano, o conhecer antes como se conhece anteriormente ao próprio conhecimento, é para Hegel um ‘absurdo’, o mesmo que querer andar de bicicleta sem jamais ter subido em uma.

Para Kant, a faculdade do entendimento conhece somente o objeto como ele aparece, uma vez que o múltiplo da sensibilidade é abarcado pelas Formas puras da sensibilidade sensível (espaço e tempo) e através das categorias do entendimento esse material é organizado e possível de ser conhecido. Nesse sentido, há algo que pode ser conhecimento, mas esse algo é o que aparece do objeto, restando ainda um objeto que não é conhecido em si mesmo, uma vez que o sujeito constrói para ele mesmo uma representação do objeto, uma representação como fenômeno.

[...] o entendimento, quando em uma relação denomina um objeto de fenômeno, forma-se ao mesmo tempo, fora dessa relação, ainda uma representação de um *objeto em si mesmo*, e por isso se representa que possa formar-se *conceitos* de tais objetos; e, visto que o entendimento não fornece senão a categoria, o objeto nesta última significação deve pelo menos poder ser pensado mediante estes conceitos puros do

entendimento. Através disso, contudo, é seduzido a tomar o conceito totalmente *indeterminado* de um ente do entendimento – enquanto um algo em geral fora da nossa sensibilidade – por um conceito *determinado* de um ente, que poderíamos conhecer de algum modo pelo entendimento. (KANT, 1983, p. 158, B 306-397, grifo ao autor).

Com a citação, pode-se observar que o entendimento determina o objeto como fenômeno e ao mesmo tempo há uma “representação” de um objeto em si mesmo, mas que está fora da relação do que é possível de ser conhecido. Assim, compreende-se que o fenômeno é aquilo que aparece da coisa em si mesma, a qual não pode ser conhecida, mas ao menos pode ser pensada.

Na filosofia kantiana, os sentidos apreendem os objetos e o entendimento representa os mesmos como fenômenos. Esses objetos são determinados mediante ligação entre sensibilidade e entendimento, pois, se essas duas faculdades estivessem separadas a intuição seria vazia, ou de conteúdo (sensível) ou de forma (conceitos) e não haveria nenhum objeto para ser conhecido. Nas palavras de Kant:

[...] os sentidos representam-nos os objetos *como aparecem*, o entendimento, porém, *como são* [...] Somente *ligados entendimento e sensibilidade* podem determinar objetos em nós. Se os separamos, possuímos intuições sem conceitos ou conceitos sem intuições, em ambos os casos, porém, representações que não podem referir-se a nenhum objeto determinado³. (1983, p. 161, B313-314, grifo ao autor).

O dualismo kantiano entre fenômeno e coisa em si aparece em Hegel como conhecimento parcial da realidade, já que conhecer é conhecer algo determinado, e o fenômeno, para Hegel, é ser, é essência, pois, a essência é o que existe, e o que existe é fenômeno. Com a coisa em si acontece algo semelhante, pois, ao afirmar que ela existe, mas não pode ser conhecida, Kant estaria criando um objeto com dois lados distintos da mesma coisa, pois, são a mesma essência. Aqui, Hegel vai contra Kant e afirma que seu racionalismo não é suficiente, já que a razão do conhecimento não abarca a coisa em si, que é o próprio fundamento da aparição do fenômeno. Com isso, Hegel diz no adendo do §124 da *Enciclopédia* que a coisa em si é “abstrata reflexão-em-si, a que se adere contra a reflexão-noutro e contra as determinações diferentes em geral como *base* das mesmas” (1988, p. 163, grifo do autor).

Hegel interpreta a coisa em si como algo abstrato sem conteúdo, ou seja, a coisa em si é algo vazio. Ela que é dada como existente e impossível de ser conhecida reduz o entendimento à incapacidade de conhecê-la e mostra que as *categorias* – conceitos puros do

³ Cf. CRP, B 75: “Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas”.

entendimento – são insuficientes para conhecer o que está além daquilo que é possível determinar.

As categorias são, pois, incapazes de ser determinações do Absoluto, o qual não é dado numa percepção; e o entendimento ou o conhecimento mediante categorias é, pois, impotente para conhecer as *coisas em si*. (HEGEL, 1988, p. 105, § 44, grifo do autor).

Com isso, tem-se que a coisa em si é uma abstração do pensar impossível de ser conhecida por meio das categorias, o que indica a ‘falha’ na teoria do conhecimento kantiana, que se coloca como racional, mas o entendimento não é capaz de conhecer a coisa em si, que é seu “próprio produto”, pois, ao representar um fenômeno o entendimento deve pensar a coisa em si que se dá a representar.

As categorias kantianas são como formas que devem apreender o múltiplo da sensibilidade determinando conceitos, os quais possuem uma representação sensível e promovem o conhecimento. Em sentido hegeliano, as categorias são reveladas ao sujeito no movimento que ele empreende ao conhecer a realidade, elas são constituídas num movimento dialético, uma vez que elas são a forma e o conteúdo desse movimento como determinações inerentes ao desenvolvimento interno do conceito. O conceito exteriorizado revela a verdade, sua exteriorização é sua efetivação.

Na relação sujeito/objeto, Kant afirma que é o sujeito quem conhece e constrói o mundo através de seu aparato cognitivo. Hegel busca contrapor esse dualismo afirmando que sujeito e objeto são a mesma racionalidade, uma vez que o sujeito se reconhece no objeto, pois, é através do sujeito que o objeto é conhecido e é através desse mesmo objeto que o sujeito pode se reconhecer e reconhecer o que deve conhecer. Se o conhecimento é um saber, o sujeito somente conhece quando sabe de si e sabe do objeto quando tem consciência de si reconhecida no objeto que busca conhecer. Isso é, de fato, o que Hegel empreende: um devir de conceitos em movimento dialético, em que sujeito e objeto são interdependentes, marcando assim sua posição contra o dualismo.

A interpretação hegeliana do Eu kantiano

Tomando o problema do conhecimento na relação sujeito/objeto, Kant promove aquilo que costumou chamar de Revolução Copernicana⁴, ou seja, o sujeito passa a ser o centro do conhecimento e os objetos são regulados pelo conhecimento do sujeito e não ao contrário. Nesse sentido, Kant afirma que a representação dos objetos deve ser abarcada pela

⁴ Idem B XVI.

experiência sensível através das estruturas espaço-temporal e pelas categorias da Faculdade do Entendimento, ou seja, por meio das estruturas cognitivas do sujeito. Em outras palavras, há um ‘sujeito transcendental’ na construção do conhecimento no campo das faculdades do Entendimento e da Sensibilidade pura (espaço e tempo). Aqui entra em ação o “eu penso” que deve acompanhar todas as representações do sujeito, possibilitando um conhecimento puro, ou, a unidade transcendental da consciência.

O *eu penso* tem que *poder* acompanhar todas as minhas representações, pois do contrário, seria representado em mim algo que não poderia de modo algum ser pensado, o que equivale a dizer que a representação seria impossível ou, pelo menos para mim, não seria nada. A representação que pode ser dada antes de todo o pensamento denomina-se *intuição*. Portanto, todo o múltiplo da intuição possui uma referência necessária ao *eu penso*, no mesmo sujeito em que este múltiplo é encontrado. (KANT, 1983, p. 85, grifo do autor).

O “eu penso” é aquele que pensa as categorias que se aplicam às representações, ele é um ato da *apercepção* (entenda-se consciência da percepção), a expressão universal do uno. Ele é, portanto, o sujeito do conhecimento, uma vez que para poder pensar um objeto, e dele ter qualquer conhecimento, é necessário que o ‘eu penso’ (entendimento) acompanhe a representação. Com relação à *intuição*, deve-se compreender que ela é uma representação que pode ser dada antes do *pensar*, mas deve-se também compreender que todo o múltiplo da intuição possui uma referência ao ‘eu penso’, promovendo assim a *unidade da consciência da apercepção*.

Com isso, tem-se que o sujeito transcendental pode ser dito como uma consciência de um sujeito autossuficiente capaz de ligar todas as representações através de um juízo, o qual reúne de modo transcendental as condições formais do entendimento e da sensibilidade. Assim, a produção do conhecimento em Kant está na unidade sintética da consciência, um sujeito autônomo que por si é autossuficiente sobre ele mesmo e sobre o objeto.

A unidade da *apercepção* deve ser referente de modo idêntico ao múltiplo das representações, uma vez que pelo múltiplo dado na intuição o Eu concebe ligação e configura a consciência da *apercepção*. Assim, é preciso ser consciente de uma síntese necessária das representações, ou seja, Kant corrobora que é necessário que o sujeito tenha consciência da necessidade de uma síntese do múltiplo dado e também da própria unidade da *apercepção*.

Nas palavras de Kant:

Sou, portanto, consciente de mim mesmo idêntico com referência ao múltiplo das representações dadas a mim numa intuição, pois denomino *minhas* todas as *representações* em conjunto que perfazem *uma só*. Isto equivale, porém, a dizer que sou consciente de uma síntese necessária delas a priori que se chama a unidade sintética originária da *apercepção*, sob a qual se encontram todas as representações

dadas a mim, mas sob a qual foram postas por uma síntese. (KANT, 1983, p. 86, grifo do autor).

O “eu penso” kantiano configura-se como um eu racional que intui a si mesmo no tempo, reconhece a si, e acompanha as representações, sendo o eu o responsável pela unidade de toda a apercepção. Ao contrário, o eu “hegeliano”, segundo Moraes (2003), é a representação do pensar, pois, ele não acompanha, mas está em todas as representações, uma vez que o eu identifica-se com o pensar.

Hegel interpreta o “eu penso” kantiano “como *fundamento* determinado dos conceitos do entendimento” (1988, p. 104, §42, grifo do autor), pois, o múltiplo da sensação ao qual o eu se refere deve ser reduzido a unidade numa consciência e esse referir, é para Hegel, os próprios conceitos puros do entendimento – as categorias – que permitem unir o múltiplo dado na intuição sensível produzindo conceitos e conhecimento.

Em Kant, isso pode ser dito do seguinte modo: tem-se um múltiplo sensível dado na intuição que deverá ser submetido à unidade da consciência através das categorias (conceitos puros) do Entendimento, com o auxílio do Juízo, que é a faculdade de ‘por algo sob algo’, ou, de submeter uma representação a seu conceito. Em outras palavras: as categorias promovem a unidade da intuição por meio de um juízo sobre o múltiplo submetendo esse à apercepção em geral (categorias). Assim, o múltiplo é determinado pelas funções lógicas do julgar em referência aos conceitos em geral, isto é, determinado pelas categorias que são as funções do julgar. Disso pode-se afirmar o seguinte: o pensamento é papel das categorias, enquanto a intuição fornece dados para serem pensados. Assim, a conjugação entre os dados e a promoção da unidade da apercepção através das categorias do entendimento promove o conhecimento, isto é, a referência do conceito, como unidade processada do múltiplo, à representação do objeto dada na intuição sensível.

No adendo do §20 da *Enciclopédia*, Hegel expressa sua interpretação do Eu kantiano, como um Eu que pensa a si mesmo excluindo os outros *Eus*:

Igualmente quando digo: <<Eu>>, *viso-me* a mim *como um este* que exclui todos os outros; mas o que eu digo, Eu, é justamente cada um; Eu, que exclui a si todos os outros. – Kant serviu-se da expressão manca de que o Eu *acompanha* todas as minhas representações, e também as sensações, desejos, ações, etc. Eu é o universal em si e para si; e o comum (*Gemeinschaftlichkeit*) é também uma forma, mas uma forma externa da universalidade. Todos os outros homens têm em comum comigo o serem Eu, como a todas as *minhas* sensações, representações, etc. é comum serem as *minhas*. Mas o *Eu* como tal, em abstrato, e a pura relação a si mesmo, na qual se abstrai do representar, do sentir, de todos os estados e de todas as particularidades da natureza, do talento, da experiência, etc. O eu é, pois, a existência da universalidade totalmente *abstrata*, o abstratamente *livre*. Por isso, o eu é o *pensar* enquanto *sujeito*; e visto que eu estou simultaneamente em todas as minhas sensações, representações, estados, etc.,

o pensamento está em toda a parte presente e pervade como categoria todas estas determinações. (HEGEL, 1988, p. 92, grifo do autor).

Em Hegel, tem-se que o Eu é uma mediação consigo mesmo para o outro reconhecendo a si mesmo através do outro de si. O Eu é, portanto, um por-se-a-si-mesmo, uma mediação consigo mesmo no tornar-se outro, percebendo a si como um outro de si mesmo. Isso mostra que sujeito e objeto são interdependentes, e o objeto não é meramente uma projeção do sujeito, visto que o objeto é um ser outro do sujeito ao mesmo tempo em que é em si mesmo, e o sujeito é para si ao reconhecer-se no objeto como um ser outro de si mesmo.

Nesse sentido, a união do sujeito e objeto está no conhecer, pois, o sujeito ao conhecer o objeto o determina e este determina o sujeito. O sujeito reconhece o objeto e reconhece a si mesmo. O sujeito que conhece, conhece algo, o que configura o próprio autoconhecimento do sujeito.

Com isso, Hegel configura o sujeito como um sujeito-objeto para si mesmo, pois, seu objeto é ele mesmo dentro de um movimento de identificação que conduz ao substancial, ao uno, ao sujeito. O verdadeiro, o substancial, é a Ideia, que é o Absoluto, enquanto que o verdadeiro é o todo racional, a essência que é obtida no tornar-se, o vir a ser no âmbito do desenvolvimento do conceito.

Isso tudo é contrário ao Eu kantiano, o Eu que acompanha suas representações e conhece o objeto por aproximar-se do objeto, mas sem interagir com ele a ponto de se reconhecer nele, tal como ocorre na dialética hegeliana.

A ideia e o Absoluto: Kant e Hegel

A filosofia de Hegel busca a totalidade e isso está configurado no Espírito Absoluto, na Ideia, o ilimitado e o infinito: Deus. A Ideia representa em Hegel a totalidade, o em si e para si, a unidade absoluta do Conceito e da objetividade, o momento da identidade e da não identidade, representa o que são as coisas na realidade, a reunião de todas as determinações do Conceito.

Ao contrário, se em Hegel a Ideia representa o todo e o próprio Conceito realizado, de modo efetivo, em Kant a ideia não possui nenhum representante sensível que lhe possa corresponder. A ideia em Kant é a unidade dos conceitos puros do Entendimento, o qual não pode por si mesmo prescrever a unidade das regras cedidas pela razão, a faculdade das regras e da unidade dos conceitos do entendimento.

A razão jamais se refere diretamente a um objeto, mas unicamente ao entendimento e através dele ao seu próprio uso empírico; portanto, não *produz* conceitos (de objetos), mas apenas os *ordena* e dá-lhes aquela unidade que podem ter na sua máxima extensão possível, isto é, com referência à totalidade das séries, a qual não é absolutamente considerada pelo entendimento, que se ocupa só com a conexão *pela qual* por toda a parte as *séries* das condições *são produzidas* segundo conceitos. Logo, a razão propriamente tem por objeto só o entendimento e o seu emprego adequado; e assim como o entendimento reúne o múltiplo no objeto mediante conceitos, a razão por sua vez reúne o múltiplo dos conceitos mediante ideias ao pôr uma certa unidade coletiva como objetivo das ações do entendimento, que do contrário só se ocupam com uma unidade distributiva. (KANT, 1983, p. 319, B 671-672, grifo do autor).

Como é possível perceber, a razão não se dirige aos objetos e sim ao entendimento reunindo o múltiplo dos conceitos do entendimento em uma ideia (una), ela não produz conceitos e sim os ordena. Nesse sentido, a razão deve se preocupar com o uso adequado do entendimento, que deve reunir as séries das condições sobre conceitos, ao passo que a razão deve reunir tais conceitos em uma unidade, que é a ideia.

A Faculdade do Entendimento possui conceitos puros que são os responsáveis pela unidade do múltiplo da sensibilidade e esses conceitos possuem validade objetiva quando os mesmos possuem representantes sensíveis. No caso da ideia, como princípio da razão pura, ela não possui nenhum representante sensível, pois, a razão tem a tarefa de unir os conceitos do entendimento, enquanto esse se dirige à sensibilidade produzindo conhecimentos. Nas palavras de Kant:

Os princípios da razão pura, ao contrário, jamais podem ser constitutivos com respeito aos *conceitos* empíricos, pois não pode lhes ser dado nenhum esquema correspondente da sensibilidade, e portanto, não podem possuir in concreto nenhum objeto. (1983, p. 328, B 692, grifo do autor).

Para Hegel, a ideia é a reunião do sujeito-objeto, ela é a verdade, a correspondência entre a objetividade e o conceito. Enquanto que para Kant, a ideia é uma unidade que não possui nenhuma relação direta com o sensível, com o mundo dos objetos reais e efetivos, ao mesmo tempo em que, o conceito em sentido kantiano, só é verdadeiro se o mesmo possui um representante sensível. Em Hegel, o conceito é efetivo e válido quando se desdobra num movimento dialético negando a si mesmo e retornando a si, reconhecendo-se em um ser outro, que é um outro de si mesmo. A ideia hegeliana é a representação do Conceito em sua efetividade, a reunião de todas as determinações do Conceito.

A ideia é o verdadeiro *em si e para si*, a unidade absoluta do conceito e da objetividade. O seu conteúdo ideal nada mais é do que o conceito nas suas determinações; o seu conteúdo real é apenas a sua exibição, que o conceito a si mesmo dá na forma de existência externa, e esta forma, incluída na idealidade dele, no seu poder conservar-se assim na ideia. (HEGEL, 1988, p. 209, § 213, grifo do autor).

Com relação a ideia, tanto em Kant quanto em Hegel, é preciso considerar o papel da experiência para a efetivação do conceito. A experiência, em Hegel, parece resolver certas questões, especialmente em relação ao dualismo sujeito-objeto, pois, ela promove uma apreensão imediata da realidade. Ela gera juízos arbitrários que permitem o indivíduo pensar o real, considerando que o pensar é o essencial para a ciência, mas somente o experimentar, o sentir, não basta para caracterizar a ciência. Nesse ponto, entra a questão hegeliana de considerar a historiografia científica resgatando dados anteriores para compreender os resultados da ciência e todo o seu expediente.

A experiência para Hegel não é somente um apoio para o conhecimento científico, sua história, mas também um apoio para o conhecimento do próprio sujeito, uma vez que a efetivação do sujeito está dada na realidade, pois, o sujeito conhece o que é real, o que está posto, o próprio conceito do objeto que é efetivo no objeto existente na experiência. Em Kant ocorre algo semelhante, pois, a validade objetiva do conceito está em sua representação na intuição sensível; por um lado, empírica, através da sensibilidade pura no conhecimento da multiplicidade da experiência; por outro, pura, para o conhecimento dos objetos da matemática.

Levando em consideração o papel da experiência, pode-se fazer uma pequena aproximação entre Kant e Hegel no que diz respeito ao início do conhecimento e também da filosofia. Hegel afirma no §12 da *Enciclopédia* que “a filosofia deve à experiência (ao *a posteriori*) a sua *primeira origem*. Na realidade, o pensar é essencialmente a negação de algo imediatamente existente” (1988, p. 80, grifo do autor). Não obstante, Kant começa a *Crítica da razão pura*, logo na primeira linha da *Introdução*, afirmando que “não há dúvida de que todo o nosso conhecimento começa com a experiência”, e continua no segundo parágrafo, “mas embora todo o nosso conhecimento comece com a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente *da* experiência” (KANT, 1983, p. 23, B1, grifo do autor); vê-se que Kant enfatiza o “da” experiência.

Disso resultam, pelo menos, duas coisas: primeiro, em Kant o conhecimento começa com a experiência no sentido de despertar a faculdade do entendimento, mas esse é o sentido mais fraco. Por outro lado, o conhecimento começa com a experiência, mas não deriva de todo dela, pois, há uma experiência possível, onde de fato se dá o conhecimento, a qual agrega o múltiplo da sensibilidade pura para a dedução metafísica dos conceitos puros do entendimento (categorias) e o múltiplo da sensibilidade empírica para ser sintetizado pelas categorias, gerando assim o conhecimento – sentido forte da experiência: conhecimento possível. Segundo, em Hegel a experiência representa a realidade que mostra a efetivação do

conceito e também representa o fundamento para o conhecimento do sujeito. Tem-se, portanto, uma aproximação possível entre Kant e Hegel com relação à origem do conhecimento e da filosofia, mas isso se levarmos a interpretação das duas passagens acima citadas ao extremo. Porém, é possível utilizar essa interpretação para elucidar, num breve panorama, a questão do *sistema*, tanto em Kant como em Hegel.

Como se sabe, Hegel constrói um sistema buscando o Absoluto eliminando o dualismo sujeito-objeto. Já Kant, possivelmente não pensava em uma sistematização do conhecimento tal qual a pretensão de Hegel, mas constrói um *sistema* no sentido de uma arquitetônica da razão pura (há quem diga que não existe sistema em Kant, do mesmo modo que há quem diga que não existe teoria do conhecimento em Hegel).

Na *Crítica da razão pura*, Kant diz sobre o sistemático do conhecimento a partir de uma interconexão de princípios por meio da razão:

Se temos presente os conhecimentos de nosso entendimento em todo o seu âmbito, então descobrimos que aquilo de que a razão dispõe de modo totalmente peculiar, e que procura realizar, é o *sistemático* do conhecimento, isto é, sua interconexão a partir de um princípio. Esta unidade da razão pressupõe sempre uma ideia, a saber, da forma de um todo do conhecimento que precede o conhecimento determinado das partes e contém as condições para determinar a priori o lugar de cada parte e a sua relação com as demais. Tal ideia postula por isso uma unidade completa do conhecimento do entendimento; graças a essa unidade, o conhecimento não se torna simplesmente um agregado contingente, mas um sistema interconectado segundo leis necessárias. (KANT, 1983, p. 320, B 673, grifo do autor).

Essa exposição de sistema não é equivalente ao que Hegel pressupôs como sistema, e aqui é possível traçar essa oposição com o §18 da *Enciclopédia*, em que Hegel resume o projeto da divisão do sistema que se conjuga no Espírito Absoluto, ou Ideia:

Como de uma filosofia não é possível fornecer uma representação geral preliminar, pois só o *todo* da ciência é a representação da Ideia, assim também só a partir desta se pode conceber a sua *divisão*; ela é, como esta [ideia], da qual se tira, algo de antecipado. A Ideia, porém, revela-se como o pensar absolutamente idêntico a si mesmo e este, ao mesmo tempo, como a actividade de se pôr perante si a fim de ser para si e, neste outro, estar unicamente em si. A ciência divide-se em três partes:

I - A *Lógica*, a ciência da Ideia em si e para si;

II - A *Filosofia da Natureza*, como a ciência da Ideia no seu ser-outro;

III - A *Filosofia do Espírito*, como a ciência da Ideia que, do seu ser- outro, a si retorna. (1988, p. 86, grifo do autor).

Disso pode-se compreender o seguinte: Hegel constrói um sistema do todo e o divide em partes que se completam em um todo orgânico, passando pela Lógica, pela Natureza e pelo Espírito, como ponto final que também é o início, pois, não há fim e começo, não há círculo vicioso e sim um movimento dialético em ‘espiral’. Já em Kant, o que se vê é um sistema que se divide em partes que constitui o aparato cognitivo do sujeito que conhece,

pois, é ele quem constrói o mundo para si. No sistema kantiano têm-se: a faculdade da sensibilidade (intuição), a faculdade do entendimento (conceitos), a faculdade da razão (regras), a faculdade do juízo (juízos) e a faculdade da imaginação (imagem). Todas essas faculdades se articulam para o conhecimento, mas todas são propriedades do sujeito cognitivo, ao passo que em Hegel, a divisão do sistema corresponde um todo que conjuga sujeito-objeto, enquanto o sistema kantiano separa sujeito e objeto.

Não podemos *pensar* objeto algum senão mediante categorias; não podemos conhecer objeto pensado algum senão mediante intuições correspondentes àqueles conceitos. Ora, todas as nossas intuições são sensíveis, e tal conhecimento, na medida em que o seu objeto é dado, é empírico. Conhecimento empírico, porém, é experiência. Consequentemente, *não nos é possível nenhum conhecimento a priori senão unicamente com respeito a objetos de experiência possível.* (KANT, 1983, p. 98, B 165-166, grifo do autor).

Como se vê, Kant reforça com essa passagem o dualismo sujeito-objeto, pois, afirma que o conhecimento está na relação do *a priori* com a experiência, ao passo que Hegel supera o dualismo kantiano com a Ideia e o Espírito Absoluto:

A ideia pode conceber-se como a razão (é este o próprio significado filosófico de *razão*); além disso, como o *sujeito-objeto*, como a *unidade do ideal e do real, do finito e do infinito, da alma e do corpo*; como a *possibilidade que tem em si própria a sua realidade efetiva*; como aquilo cuja *natureza só pode conceber-se como existente*, etc.; porque nela todas as relações do entendimento estão contidas, mas no seu *infinito* retorno e identidade em si. (1988, p. 214, §210, grifo do autor).

A Ideia e o Espírito Absoluto são equivalentes, o Espírito é um *por-si* que deve tornar-se *si-por-si* para fazer-se objetivo reconhecendo-se como Espírito. Esse externar-se do espírito, esse estar por fora, é um alienar-se que se faz necessário para um espírito livre, uma vez que o alienar-se é uma oposição de si que permite o espírito ver-se como diferente de si mesmo reconhecendo-se e aparecendo como diferente de si para encontrar-se novamente em si com consciência de si mesmo. O espírito (infinito e ilimitado) deve se desdobrar na natureza, pois, esta é o momento da objetivação, onde ele se naturaliza, encontra aquilo que o confronta (finito e limitado), aquilo que o faz reconhecer a si mesmo. O espírito se perde na natureza que é diferente dele, mas faz com que ele se reconheça através desse outro dele mesmo, um outro de si que é si mesmo, ou seja, o Espírito se reconhece dos dois lados (internamente em si e externamente em outro).

Sobre a coisa em si, pode-se perceber que Kant diria que *ela não sou eu*, isto é, o sujeito não se reconhece no objeto, mas, em Hegel, a coisa em si também *não sou eu*. Hegel diria que a coisa em si não é o sujeito, mas ele se apropria dela para se reconhecer e ir além dela para voltar a si com autoconhecimento de si mesmo.

Nesse sentido, a natureza possui a configuração do Absoluto, para o próprio Espírito poder ali se reconhecer em si por si como unidade imediata ('em si ser'), a qual funciona como mediadora, como saber de si (tal como Hegel expressa no §18 da *Enciclopédia*). Com isso, tem-se que o Espírito em si é propriamente uma Ideia em si, algo que se vê como imediato e em si mesmo, um pensar que se desdobra e revela-se nesse desdobramento, coloca-se a si mesmo com um outro a fim de ser para si, no outro, estando em si. Esse outro está na ideia mesma, que reconhece no outro o outro de si mesmo.

Por fim, o Espírito está na relação sujeito-objeto, como um si de si, uma relação que promove consciência e objeto, num movimento de conhecer e reconhecer. O conhecer se configura como um movimento necessário da consciência, uma relação de exterioridade, enquanto o reconhecer é a própria coisa, que estabelece a relação sujeito-objeto. A consciência reconhece-se no outro, ela se forma na relação com o objeto num voltar a si, mas não em movimento linear de progressão, mas um progresso que volta a si, como um começo que é fim, mas também um fim que é desde já início de todo o processo. Portanto, um suprasumir, uma superação do momento anterior, mas que não supera, mas sim nega afirmando algo, mantendo algo do momento anterior, fazendo com que esse se reconheça neste que agora já é um outro diferente do primeiro, mas que é também um outro daquele mesmo.

Conclusão

Vimos algumas oposições entre Kant e Hegel, mas também vimos pequenas observações que podem aproximá-los. No entanto, o que se deve sublinhar é o objetivo hegeliano em superar o dualismo sujeito-objeto tomando como base a filosofia de Kant. Hegel consegue atingir seu objetivo, considerando que há um Espírito absoluto, o qual suprime a dicotomia sujeito-objeto, pois, esse Espírito está na própria relação que o sujeito se dispõe com o objeto. Não há mais um sujeito que conhece um objeto por si mesmo, mas um sujeito que conhece o objeto através dos objetos, num reconhecer-se no objeto que quer conhecer. O sujeito hegeliano não é um expectador e sim um sujeito autossuficiente que é ao mesmo tempo interdependente com o objeto.

A proposição de Hegel de que todo o real é racional e todo o racional é real expressa que o mundo é parte de uma compreensão racional, mas isso porque ele mesmo participa da mesma racionalidade da qual ele será conhecido. Ao passo que Kant projetou um sujeito transcendental no mundo, o qual seria conhecido pelo conhecimento deste sujeito, em outras palavras, a revolução copernicana de Kant coloca um sujeito que constrói o mundo para ele, o

que justifica a existência de uma coisa em si. Pois, como o sujeito poderia conhecer algo em si mesmo, se é ele próprio quem constrói a representação daquilo que quer conhecer? Ou seja, a partir do momento em que o sujeito conhece algo, ele conhece esse algo para ele, e não a coisa como ela é em si mesma.

Com isso, Hegel começa sua reflexão tomando como base alguns pressupostos kantianos como: a racionalidade do sujeito transcendental, a construção da representação do objeto como fenômeno e coisa em si, a construção da ideia, entre outras coisas. Assim, Hegel empreende a construção de um sistema que abarca em si um todo, que está configurado como um todo orgânico, o qual todos os momentos estão articulados e constituem os passos para a efetivação do Conceito como um todo posto em uma realidade efetiva.

Por fim, Kant e Hegel podem ser configurados como os pilares da filosofia moderna, pois, Kant promove aquilo que pode ser chamado de ‘viragem’ da filosofia ou mesmo teoria do conhecimento, colocando o sujeito no centro do modo de conhecer e não mais do que conhecer. Já Hegel, toma a novidade kantiana e a reformula como um sistema organizado voltado para o Espírito como um todo efetivo, configurado numa figura: Deus. Promovendo, assim, a superação do dualismo sujeito-objeto levando toda a configuração da filosofia como história e justificando, por ele mesmo, que a filosofia termina ali, termina como sua filosofia: a filosofia hegeliana.

Referências

FRANÇA, L. M. de. O problema da interpretação do formalismo kantiano para as discussões acerca das oposições no que se refere à ética e à filosofia política entre Kant e Hegel, *Botucatu, Simbio-Logias*, v.1, n.1, p. 68-86, mai/2008.

HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome*. Lisboa: Edições 70, 1988. V. 1.

_____. *Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome*. Lisboa: Edições 70, 1992. V. III.

_____. *Princípios da filosofia do direito*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores, Kant I).

MORAES, A. de O. A metafísica do conceito: sobre o problema do conhecimento de Deus na *Enciclopédia das ciências filosóficas de Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

NOVELLI, P. G.A. Pode-se falar de uma teoria do conhecimento em Hegel? *Botucatu, Simbio-Logias*, v.1, n.1, p. 51-67, mai/2008.

THE CRITICISM OF HEGEL TO KANTIAN SUBJECT-OBJECT DUALISM

Abstract

This article approaches the Hegelian criticism of Kantian subject-object dualism, which, according to Hegel, points at a partial knowledge of reality. In the context of philosophies of Kant and Hegel, we can see that both are set within. Rationalism and, accordingly, can be conceived as Idealistic philosophies. However, the philosophy of Hegel configures itself as an ideal that does not discard the real, while the philosophy of Kant deals with, in some aspects, the real, but in a transcendental approach. Thus, we look for a link between the Hegelian approach of knowledge in contrast with knowledge in Kant, and for the role of the 'transcendental I' in the Hegelian interpretation.

Keywords: Rationalism, Dualism, I think, Idea, Absolute.